



Artigo

DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2025v51id5818>

A RELAÇÃO ENTRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE FRANS KRAJCBERG E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Frans Krajcberg as an environmental educator: pedagogical reflections

Frans Krajcberg como educador ambiental: reflexiones pedagógicas

Adriana Teixeira de Lima¹

E-mail: lima23.adriana@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0009-9100-3656>

Resumo: Este artigo tem como tema o processo de criação de Frans Krajcberg e busca identificar a relação deste com a educação ambiental. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico que se valeu das seguintes fontes: livros, artigos acadêmicos, teses, dissertações, catálogos de exposições, repositórios científicos nacionais, acervos de museus e instituições culturais que preservam a memória do artista mencionado, bem como foram consultados registros audiovisuais e entrevistas. Os resultados evidenciaram interseções entre a obra de Krajcberg e aspectos educacionais e ambientais, o que permite enfatizar que o seu legado artístico pode contribuir para a promoção de debates e para a elaboração de práticas educativas vinculadas à defesa do meio ambiente.

Palavras-chave: educação; arte; prática educativa; meio ambiente; Frans Krajcberg.

¹ Universidade de Sorocaba (Uniso). Sorocaba, SP, Brasil.

Abstract: This article addresses the creative process of Frans Krajcberg and seeks to identify its relationship with environmental education. To this end, a bibliographic survey was conducted, drawing on the following sources: books, academic articles, theses, dissertations, exhibition catalogs, national scientific repositories, as well as collections from museums and cultural institutions that preserve the memory of the aforementioned artist. Audiovisual records and interviews were also consulted. The results revealed intersections between Krajcberg's work and educational and environmental aspects, which highlights that his artistic legacy can contribute to fostering debate and developing educational practices linked to environmental protection.

Keywords: education; teaching practice; art; environment; Frans Krajcberg.

Resumen: Este artículo aborda el proceso creativo de Frans Krajcberg y busca identificar su relación con la educación ambiental. Para ello, se realizó una revisión bibliográfica que recurrió a las siguientes fuentes: libros, artículos académicos, tesis, disertaciones, catálogos de exposiciones, repositorios científicos nacionales, así como archivos de museos e instituciones culturales que preservan la memoria del artista mencionado. También se consultaron registros audiovisuales y entrevistas. Los resultados evidenciaron intersecciones entre la obra de Krajcberg y aspectos educativos y ambientales, lo que permite destacar que su legado artístico puede contribuir a la promoción de debates y a la elaboración de prácticas educativas vinculadas a la defensa del medio ambiente.

Palavras claves: educação; prática pedagógica; arte; ambiente; Frans Krajcberg.

1 INTRODUÇÃO

As formações educacionais de Frans Krajcberg, sua produção e as influências artísticas durante a sua trajetória de vida são elementos constitutivos para a compreensão do artista que se tornou.

As pesquisas e publicações existentes sobre o artista, maior ênfase foi dada à sua produção artística em conexões com a arte, entretanto, no âmbito da educação, poucas ressaltam a relevância para a área ou contemplam práticas pedagógicas. Desta forma, o texto redigido destaca três aspectos: primeiro os aspectos biográficos do artista; segundo explicita particularidades da sua produção e as principais influências, e o terceiro descreve seu envolvimento com a defesa ao meio ambiente e pontua aspectos relevantes da Educação Ambiental vinculados a produção do artista. As considerações finais nos conduzem a compreensão de que o estilo adotado por Krajcberg em sua produção artística relaciona-se diretamente com seu pensamento construído sob bases educacionais, culturais e experiências pessoais, e propõe a adoção de práticas pedagógicas que possam dialogar com Krajcberg.

2 ASPECTOS DA BIOGRAFIA DE FRANS KRAJCBERG

Segundo Rocha (2012, p. 11), Krajcberg nasceu em Zożenice um vilarejo próximo de Varsóvia, Polônia, em 12 de abril de 1921. Krajcberg era o terceiro de cinco irmãos. Palumbo (2018, p. 69) relata que seu pai “era um vendedor de sapatos, sua mãe chamava-se Bina Krajcberg e era líder do partido trotskista local”. A partir das reflexões de Leon Trotski sobre o marxismo, defendia que a Revolução Comunista Russa, não deveria se restringir à União Soviética, mas se espalhar por outros países. Por esta condição, Bina enfrentava frequentemente períodos de reclusão, que a obrigava a se afastar dos filhos. Krajcberg, em entrevista a Fonseca (2003, p. 175), diz “minha mãe foi líder marxista que deu a vida pelo ideal marxista. Eu fui educado nesse sentido. Sempre lutei contra a desigualdade”. Frans leu diversos livros por indicação de sua mãe e de seu tio Samuel, na cidade de Czechochowa, para onde se mudou aos 12 anos, devido a detenção de sua mãe (Palumbo, 2018). Nessa ocasião, Krajcberg pôde se beneficiar de uma educação mais refinada e não restrita ao gueto, onde viveu, e se aproximou das disciplinas artísticas, em particular ao desenho e à pintura. Por ser polonês de origem judaica, Frans teve que estudar separado dos outros alunos, fato este, narrado com tristeza e indignação pelo próprio artista, no Filme Socorro Nobre com direção de Walter Salles Júnior (Socorro [...], 1987).

A identidade judaica segundo o CONIB (2025), não pode ser reduzida à religiosidade apenas, pois compreende também dimensões culturais, nacionais, históricas, filosóficas, étnicas e comunitárias. A cultura judaica, inclui música, literatura, arte e culinária, é um meio de expressão da identidade e de conexão com a herança cultural. A preservação da identidade, a transmissão de conhecimento religioso, a dedicação ao aprendizado formal, e à melhoria do mundo, são valores que os levaram à importantes contribuições em tecnologia, ciência, filosofia, medicina, artes entre outras áreas. Ensinos éticos e morais são fundamentais pautados por justiça, compaixão e responsabilidade social. As adversidades ou triunfos são celebrados em eventos e festividades e têm como propósito homenagear os antepassados, apresentá-los aos mais jovens como exemplo de resiliência e valorização da vida.

Entre as adversidades, o Holocausto, sem dúvida foi um genocídio sem precedentes, com a morte de 6 milhões de judeus, e ocorreu na II Guerra Mundial. Conforme a Enciclopédia do Holocausto (Museu [...], 2025), na cidade de Varsóvia havia uma população judaica de aproximadamente 350.000 pessoas, que correspondia a 30% da população total, a maior da Europa e a segunda maior do mundo. Após a invasão da Polônia pelos alemães, em 1939, com um pesado ataque militar nazista, as escolas judaicas foram fechadas, as propriedades de judeus foram confiscadas, os homens foram escravizados e exigiu-se que os judeus fossem identificados publicamente utilizando braçadeiras brancas com uma Estrela de Davi azul. Em 1940, os alemães decretaram o estabelecimento de um gueto – uma área separada do resto da capital polonesa – cercado por um muro com mais de 3 metros de altura, com cercas de arame farpado, severamente vigiado pelos nazistas, e que logo tornou-se superlotado. Dentro do gueto, os judeus tiveram que criar organizações de apoio mútuo na luta pela sobrevivência, não havia sistema de esgoto, os suprimentos de comidas eram racionados pelos alemães e insuficientes para manter a vida. Entre 1940 e 1942, cerca de 83.000 pessoas morreram de fome e de doenças devido à baixa-imunidade, sobretudo pelas péssimas condições sanitárias a que os judeus foram expostos.

Em 1939, a Alemanha invadiu a Polônia, deu-se início a II Guerra Mundial. A cidade de Czystochowa, onde Frans vivia com o tio Samuel, foi uma das primeiras a ser atacada, nesse confronto, e com apenas 18 anos, começou a peregrinar a pé, da Polônia até a Bielorrússia e posteriormente até Minsk, na Bielorrússia, convivendo com a violência do conflito, durante o qual, perdeu toda a sua família nos campos de concentração nazista. Sobre sua mãe, conforme Oliveira (2022, p. 231), Krajberg confidencia:

Quando eu estava servindo como oficial na Segunda Guerra, soube que minha mãe estava numa prisão próxima a Varsóvia [...] entrei em um prédio que estava vazio [...] vi minha mãe enforcada com uma corda. Porém, percebi que soldados nazistas estavam entrando no prédio. Um grande dilema tomou conta de mim: ficar e morrer junto com minha mãe ou fugir. Vi que minha mãe possuía um cordão com o símbolo do Partido Comunista no pescoço [...] chorando, dei um pulo, arranquei o colar dela e saí correndo daquele prédio. Essa foi a última vez que vi minha mãe.

Depois de um internamento de três meses no hospital da cidade porque o frio o fez adoecer, Frans conseguiu chegar em Vitebsk, onde foi inserido no Partido Comunista, o que possibilitou seu deslocamento para Leningrado. Krajcberg em 1940, aos dezenove anos, ingressou na faculdade graças ao apoio dos representantes locais do Partido Comunista. Frans frequentava de dia o curso de engenharia hidráulica (inconcluso) e, de noite, o curso de desenho e pintura na Escola de Belas Artes. Mudou-se para a Alemanha, entre 1945 e 1947, ingressando na Academia de Belas Artes de Stuttgart. Conforme Lima (2019), ele teve aulas com Willi Baumeister, um dos mais relevantes professores da Bauhaus e ganhou por diversas vezes, o prêmio de melhor aluno.

Importante destacar, em conformidade com Silva (2012), a importância da escola Staatliches Bauhaus (Casa Estatal de Construção), idealizada em 1919, por Walter Gropius, um arquiteto alemão, que ao atuar nas trincheiras da I Guerra Mundial – primeiro conflito mecanizado – testemunhou os bombardeios e a destruição da arquitetura de seu país, além das mortes de civis e militares. A partir dessa dolorosa experiência, em sua concepção, era necessário pensar como um engenheiro para a reconstrução das cidades, ou seja, excluir tudo o que vinha antes, e construir algo novo a partir do nada, utilizando-se dos artistas, das máquinas e dos recursos disponíveis nas oficinas, marcadas pelo emprego ousado de vidro, aço e concreto. Estudar a geometria para Gropius, era fundamental, pois a partir dela, surgiriam os objetos e edificações, criando prédios, utensílios, mobiliário, livros, entre outros itens. Ele propôs uma arquitetura inovadora, que combatia a arte pela arte e estimulava a livre-criação, unia a arte e os ofícios, a criatividade artística e manufatura.

A escola segundo Lima (2007), foi um centro irradiador de novas ideias no campo da arquitetura, do urbanismo, da estética industrial e do próprio ensino da arte. Buscou integrar o indivíduo e sociedade, arte e a indústria, a forma e a função, conectou a arquitetura, a escultura e a pintura com a industrialização. A Bauhaus revolucionou o design moderno e popularizou o uso de formas e linhas simplificadas, definidas pela função do objeto, e as adaptou à produção em série. Todo arquiteto e designer de interiores na atualidade sabe que boa parte do que é desenvolvido atualmente, foi fortemente influenciado por essa escola.

Em 1948, de acordo com Lima (2019), as dificuldades impostas pela II Guerra Mundial, a perda de toda a sua família, Frans desolado, encontrou uma oportunidade para fugir intermediado por Marc Chagall, firmando um acordo com uma jovem húngara, que não poderia viajar desacompanhada na época. Desta forma, a jovem se dispôs a pagar a passagem de navio para Krajcberg, desde que ele se apresentasse ao consulado e dissesse que se casaria com ela no Brasil. Após esse fato ter se concretizado, ele nunca mais a viu. Enquanto imigrante que não dominava a língua portuguesa, não tinha recursos financeiros e não conhecia ninguém país, Krajcberg passou alguns dias perambulando nas ruas do Rio de Janeiro e dormindo ao relento na praia do Flamengo. Foi para São Paulo no teto de um vagão da Central do Brasil e dormiu nos bancos da Praça da República, onde conseguiu trabalho como operário no Museu de Arte Moderna. As poucas oportunidades de expressão artística o levaram a depressão e ao questionamento sobre sua própria capacidade e o real valor do seu trabalho. Todavia, a maneira como o artista lidou com essa circunstância, e persistiu, em minha opinião, foi o ponto de inflexão para alcançar seus anseios.

Rodrigues (2002, p. 6), ao analisar Frans, assevera que “o mundo não lhe é distante, nem lhe provoca indiferença, pelo contrário, o artista carrega em si o drama do contemporâneo”, ergue-se desse caos e se emancipa ao tornar-se conhecido como um artista inovador e visionário, conseguir transmitir uma sensação de tristeza e urgência pela destruição ambiental, evocar reflexões, características marcantes da sua genialidade.

3 ESPECIFICIDADES DA SUA PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Krajcberg, na Europa, teve contato com o expressionismo, com o abstracionismo, e sobretudo com os questionamentos sobre a arte moderna.

O expressionismo, de acordo com Santos (2005, p. 152), é caracterizado por “emoções e angústias do homem do século XX”, seu mundo interior, sentimentos pessoais dramáticos, linhas sinuosas, cores puras e a deformação da realidade. O principal expoente foi o pintor norueguês, Edvard Munch com a obra “O Grito” (1893). Costa (1999, p. 20) contrapõe dizendo, que as obras “eram produto de indivíduos mentalmente doentios ou ideologicamente nefastos e deveriam ser banidos da sociedade alemã”. Segundo Moraes (1991, p. 41), o expressionismo no Brasil, foi representado por: “Lasar Segall, Anita Malfatti e Portinari”. As exposições de Segall, em 1913, e de Malfatti, em 1917, provocaram uma enorme polêmica com os adeptos da arte acadêmica, que fizeram severas críticas a essa concepção artística.

Quanto à pintura abstrata, ou abstracionismo, Santos (2005, p. 159) o descreve por “não representar nada da realidade que nos cerca”. Não narra figurativamente alguma cena histórica, literária, religiosa ou mitológica. Considera-se o pintor russo Wassily Kandinsky o iniciador da pintura abstrata com a tela “Batalha” (1910). A experiência da guerra levou muitos artistas a retornar às tradições estéticas; outros optaram pelo uso da arte como um meio de protesto.

Após sua chegada ao Brasil, em 1948, no Rio de Janeiro, de acordo com Lima (2019), Krajcberg permaneceu em São Paulo até 1952, onde conheceu Francisco Matarazzo, que o indicou para trabalhar como operário na montagem da primeira Bienal de São Paulo, criada pelo empresário Ciccillo Matarazzo, em 1951. Segundo Silva (2012), foi a primeira exposição de arte moderna de grande porte realizada fora dos centros culturais europeus e norte-americanos, permitindo a integração do sistema de arte local ao circuito mundial, instalada no prédio do Parque Ibirapuera cujo projeto arquitetônico é assinado por Oscar Niemeyer e Burle Marx. A partir de 1955, consolidou-se no parque do Ibirapuera, que de acordo com Santos (2005), o principal objetivo foi o de promover o intercâmbio cultural, estimular o circuito artístico local e divulgar a arte brasileira e o Brasil no exterior.

Outra participação do artista, nessa época, conforme Lima (2007), foi na Osiarte, no Ministério da Educação e Saúde, atual Palácio Gustavo Capanema. Krajcberg e Volpi fizeram juntos a pintura dos painéis de azulejos de Portinari, com temas brasileiros utilizando o processo de têmpera, resina e gema de ovo, uma técnica volpiana, que ele obteve conhecimento nas aulas com Baumeister.

De acordo com Justino (2005), em 1955, Curitiba recebeu a primeira exposição individual de Krajcberg, na Biblioteca Pública do Paraná, um conjunto de trabalhos com inclinação para a abstração, e o crítico de arte Eduardo da Rocha Virmond, logo reconheceu o seu talento.

Segundo Mattar (2003, p. 28), Frans “naturaliza-se brasileiro em 1957”, e nessa ocasião é premiado como melhor escultor na 4ª Bienal de São Paulo, recebe o Certificado de Isenção de Júri no Salão Nacional de Arte Moderna e um Prêmio de Aquisição no Salão Paulista de Arte Moderna (Moraes, 2000, p. 11).

No período de 1956 a 1957, Krajcberg trabalhou um tipo de expressionismo abstrato, grafismo negro e anguloso sobre fundos azuis, às vezes manchados de terra. Essas pinturas eram impregnadas da experiência das florestas paranaenses, e se constituiu a primeira de muitas séries, denominada “Samambaias”.

Frans foi o primeiro artista a criar relevos a partir de uma relação direta com a natureza, a partir de 1960, e por esse motivo, recebeu reconhecimento que destacou

a inovação e singularidade de Krajcberg. A técnica que o artista desenvolveu foi inaugural ao utilizar elementos encontrados na natureza, na qual a matéria e o processo artístico se fundem, expandindo as fronteiras da arte contemporânea e destacando a importância da inclusão das preocupações ecológicas na prática artística. O vínculo do mundo natural com a arte ressoou com a emergente conscientização ambiental da época. No campo da arte, este marco alavancou a reputação do artista como um visionário, e abriu portas para as exposições.

De acordo com Lima (2007), as primeiras *terres craquelées* ou quadros objetos foram realizados em Ibiza entre 1959 e 1964, cuja técnica desenvolvida por Krajcberg incorpora as possibilidades ilimitadas da natureza como fonte de criação. Para Fainguelern (2020, p. 61), a arte de Frans “nos evoca uma arqueologia das superfícies, sobre a questão da finitude, da impermanência da vida e da matéria”.

Restany e Krajcberg possuem em comum o questionamento sobre a qualidade das produções artísticas na época, principalmente as das Bienais, que para ambos, estavam desvinculadas da realidade social. Krajcberg é enfático sobre quando disse a Lima (2007, p. 159): “há um vazio absoluto, o jovem talento faz coisas que a arte quer, mas não tem nada com a realidade plantada nesse novo século”. Frans confessa a Moraes (2000, p. 16): “eu não quero criar um novo ismo, nenhuma escola nova de arte. Meu único objetivo é destruir a pintura, fazer uma antipintura. Há pintores demais no mundo, mas poucos artistas”. Sobre o mercado de arte, Krajcberg enfatiza a Lima (2007), que a maioria dos artistas lançados ao mercado não possuem consistência conceitual, mesmo assim conseguem vender para atender a uma demanda de mercado, e consequentemente elevar o preço das suas obras. Sobre a venda dos seus trabalhos Frans ressalta “detesto vender. E quando vendo uma obra é por necessidade de sobrevivência, continuação de trabalhar e me expressar” (Lima, 2007, p. 163).

Em 1964, segundo Justino (2005, p. 31), a carreira de Krajcberg “conquista mais um reconhecimento ao receber um prêmio na 32ª Bienal de Veneza (o Comuna di Venezia)” e Souto (2021) relata nessa ocasião, ele instala um ateliê em Cata Branca, Minas Gerais, no Pico do Itabirito, local de campos de minerais de ferro constituídas de pigmentos puros. Frans diz sentir-se maravilhado ao retirar o pigmento diretamente do chão, a triturar as pedras com martelo até transformá-las em pó. Sua técnica única e o uso criativo dos minerais são frequentemente elogiados pela originalidade. As tonalidades utilizadas são: ocre, cinza, marrom, verde e vermelho. Em Cata Branca, Frans evoluiu dos quadros-objetos (*terres craquelées* e relevos com pedras) para as raízes e flores de brocas, ao mesmo tempo em que realizava gravuras gigantes e fotografava. A partir disso, conforme Lima (2007), criou obras com explosões de

tonalidades vermelhas, nas quais associou cipós e raízes a madeiras recortadas, pela série denominada "Sombras".

A arte barroca, segundo Justino (2005), cativou Krajcberg, pelas curvas, pelo movimento, pela diagonal, pela sensualidade, irregularidade e desigualdade, ou seja, a possibilidade da diluição dos contornos e a transposição do estático pelo dinâmico. Na arte barroca existe predominância do claro/escuro, do exagero nas formas, volutas e acentuadas, das irregularidades, contorcidas e grotescas. Conforme Santos (2005, p. 196), o estilo barroco "desenvolveu-se no Brasil durante o século XVIII, perdurando até o século XIX. É associado à religião católica, ao comércio do açúcar e a mineração" do ouro (material empregado também nas obras de arte, principalmente nas esculturas das igrejas), sendo Antonio Francisco Lisboa o artista mais conhecido da arte brasileira.

Oliveira (2022, p. 93) pontua que o processo criativo de Frans não seguia uma ordem linear, cartesiana, metódica e organizada, era "estável, noutras, instável [...] mas sempre mantendo um movimento". O cenário desorganizado e caótico envolvia também em seu ateliê, cujos troncos, raízes, galhos, cipós, pedras, pigmentos, maçaricos, roldanas e outros itens encontravam-se espalhados aleatoriamente.

Conforme Fainguelernt (2020) entre as inúmeras mutações do trabalho de Krajcberg ao longo dos últimos 50 anos alguns aspectos são permanentes, tais como: a utilização da cor preta do carvão, da madeira calcinada ou do betume; o branco da tabatinga e o papel japonês; diferentes tonalidades de óxido de ferro, a cor vermelha, ocre e amarelos. Uma das técnicas que o artista utilizava era queimar a madeira com um maçarico, aplicar uma substância asfáltica e recobri-la com uma mistura de cola e pigmentos naturais e para assinar as obras "esquentava um ferro forjado e moldado com as letras iniciais de seu nome, FK, pressionando o ferro incandescente sobre o corpo de seu trabalho" (Fainguelernt, 2020, p. 140).

Sobre as técnicas artísticas, de acordo com Lima (2007), Krajcberg no início da sua carreira pintava e dormia no mesmo local, ao longo do tempo acabou se intoxicando com as tintas, e por esta razão, foi obrigado abandonar a pintura convencional e a procurar outros meios de expressão. Em minha análise, a criação das técnicas envolvendo materiais naturais que o artista adotou, não foram intencionais a princípio sob o aspecto conceitual, mas suscitaram devido à sua saúde, e foram incorporadas concomitantemente com a consolidação do seu processo criativo e envolvimento com as questões ambientais brasileiras. A criação, para De Masi (2003, p. 699), significa "iluminar aquilo que estava escuro, dar forma a aquilo que antes era caótico, gerar aquilo que nunca antes havia sido criado nem gerado, antecipar o futuro, produzir o porvir".

Nas obras mais conhecidas de Krajcberg, as esculturas, os vestígios e restos de madeira calcinada são coletados em diversos ecossistemas com os quais manteve contato, e são usadas como suporte para criação e inspiração fotográfica. Esses materiais recolhidos nas áreas devastadas por incêndios ou desmatamento, são transformados em instalações com um profundo simbolismo. Ao retirar um fragmento da cena do crime ambiental, e ao levá-lo para apreciação pública, seja em galerias, exposições ou museus, o artista denuncia os fatos que estão longe do nosso cotidiano e nos convoca a refletir sobre o impacto humano sobre o meio ambiente. Característica singular de Frans que integrou arte e o ativismo ambiental, por esta, razão considero-o um educador ambiental. Krajcberg estabeleceu uma conexão direta e visceral com o meio ambiente destacando a beleza intrínseca contida nos elementos naturais, as formas, as cicatrizes e vestígios. Ribeiro (2012, p. 20) relata que “o próprio artista é o autor das fotos que compõem seu trabalho e o olhar trágico que lança sobre elas”, expondo a natureza como um grande corpo agonizante, cujo sofrimento ele documenta como quem capta um grito de revolta. As fotos de Frans são, como ele mesmo as denomina, “memórias da destruição” (Ribeiro, 2012, p. 27).

Esse engajamento conferiu à sua obra uma relevância e desdobramentos que transcendem o campo da arte, alcançando a esfera de ativismo, da educação e da sensibilização ambiental. Oliveira (2015, p. 58) ressalta a importância para a educação e para a arte, ao lembrar que as obras de Krajcberg denunciam o descaso com o meio ambiente, produziram ecos de revolta às políticas públicas que permitiram e se omitiram perante os crimes ambientais. Uma arte que não se expressa somente para si, mas para a coletividade.

É relevante ressaltar que apesar de expor seus trabalhos em museus do mundo inteiro, de doar parte do seu acervo a fundações e centros de cultura ligados a órgãos governamentais, o artista nunca se vinculou a discursos e campanhas oficiais, mesmo aquelas que têm a ecologia e suas práticas como centro. Frans também lidou com perdas e adversidades pessoais no Brasil como a tentativa de envenenamento, vários assaltos e a destruição de obras em um incêndio em seu ateliê. Esses eventos certamente o impactaram e reduziram ainda mais a confiança nas pessoas, preferindo a reclusão ao protagonismo. Entretanto, não restringia sua participação em exposições e palestras, principalmente nas escolas.

Justino (2005) pontua que, em 1975, Frans alcança outras premiações: na exposição do Centro Cultural Georges Pompidou - CNAC em Paris onde ocorreu a primeira vinculação da sua obra com a causa ambiental, e em 1988 em Seul, na Coreia do Sul, com um conjunto de esculturas gigantescas com 46 troncos de carvalhos

negros. Além dessas, Fernandino (2014, p. 268) comenta sobre o filme “Krajcberg - O Poeta dos Vestígios”, dirigido por Walter Salles Júnior e produzido pela TV Manchete em 1987? (Krajcberg, 1987), que recebeu os prêmios de melhor Programa de Televisão V Fest Rio, melhor documentário de pesquisa no Festival Dei Popoli (Itália), melhor documentário no festival de Cuba, Menção Honrosa no Festival de Montbeliard (França). Este documentário retrata a vida do artista plástico e o seu trabalho como escultor e ambientalista pela preservação do meio ambiente. Outro documentário feito em 1995, também dirigido por Walter Salles, intitulado “Socorro Nobre”, trata-se de Maria do Socorro Nobre, presidiária em Salvador. Ela escreve uma carta para o Frans, mostrando a sua admiração e identificação com a sua vida junto à natureza e ele a visita no presídio. Este filme foi premiado por: FIPA D’OR Festival Internacional de Programas Audiovisuais na França (1996), melhor documentário no Festival de Liège na Bélgica (1996), Seleção Oficial Golden Gate Award San Francisco Internacional Film Festival nos EUA (1996), prêmio especial do Júri no Rio Cine Festival, Rio de Janeiro (1995).

4 O ARTISTA E O MEIO AMBIENTE

4.1 O campo da Educação Ambiental: fundamentos e perspectivas

A Educação Ambiental (EA) consolidou-se, nas últimas décadas, como um campo de reflexão e de práticas que ultrapassa a mera transmissão de informações ecológicas. Trata-se de um espaço interdisciplinar, atravessado por dimensões políticas, sociais, culturais e éticas, que busca repensar a relação entre sociedade e natureza, promovendo novas formas de convivência e de responsabilidade socioambiental.

No Brasil, a EA ganhou força especialmente a partir da década de 1980, em diálogo com os movimentos sociais e com a crescente preocupação mundial diante da crise ambiental. Autores como Reigota (1999, 2002, 2004) destacam que a EA deve ser compreendida como um processo político-pedagógico, capaz de intervir criticamente na realidade, e não apenas como prática conservacionista ou de sensibilização pontual. Nessa perspectiva, a EA amplia seu alcance ao se articular com a cidadania, a democracia e a justiça social.

Carvalho (2006, 2013) aprofunda essa discussão ao apresentar a EA como uma prática educativa que envolve disputas de sentidos sobre o meio ambiente, ressaltando que sua finalidade não é apenas a proteção da natureza, mas também a transformação das relações sociais que geram desigualdade e degradação. Essa visão é compartilhada por Loureiro (2004, 2006), que defende a Educação Ambiental crítica e emancipatória,

voltada para a formação de sujeitos coletivos capazes de atuar politicamente na defesa de modos de vida sustentáveis.

A literatura internacional também reforça o caráter plural da EA, reconhecendo diferentes vertentes: a conservacionista, mais voltada à preservação dos recursos naturais; a pragmática, que busca respostas técnicas aos problemas ambientais; e a crítica-transformadora, que entende a crise ambiental como expressão de uma crise civilizatória e, portanto, exige mudanças éticas, políticas e culturais profundas.

Nesse sentido, a Educação Ambiental deve ser compreendida como um campo em constante disputa e construção, onde se entrecruzam diferentes áreas do conhecimento. Tal abordagem permite reconhecer sua potência para além do espaço escolar, alcançando comunidades, movimentos sociais, espaços culturais e artísticos.

4.2 A Obra de Frans Krajcberg como Recurso Pedagógico na Educação Ambiental

A obra de Frans Krajcberg apresenta um potencial singular para a Educação Ambiental, justamente porque articula sensibilidade estética, denúncia social e reflexão ética sobre a relação entre os seres humanos e a natureza. Suas esculturas, fotografias e pigmentos naturais não apenas representam a natureza, mas emergem dela, incorporando os vestígios da destruição ambiental e transformando-os em arte e denúncia.

Esse processo criativo pode ser compreendido como um recurso pedagógico potente, pois mobiliza dimensões cognitivas, emocionais e éticas. Segundo Loureiro (2004), a Educação Ambiental crítica deve ser capaz de provocar deslocamentos de percepção, questionando os modos hegemônicos de produção e consumo que sustentam a degradação ambiental. Nesse sentido, a arte de Krajcberg cumpre esse papel ao tornar visível o que muitas vezes é invisibilizado: a violência contra os ecossistemas e, por extensão, contra os povos que deles dependem.

Ao trabalhar com materiais naturais queimados, troncos carbonizados e pigmentos extraídos do solo brasileiro, Krajcberg cria uma poética que aproxima estética e ecologia. Para fins educativos, essa abordagem possibilita discutir com estudantes e comunidades a relação entre arte, política e ambiente, indo além de uma leitura meramente contemplativa da obra. A pedagogia que pode emergir desse contato e está relacionada à sensibilização estética e à reflexão crítica sobre o modelo de desenvolvimento que provoca destruição ambiental.

Além disso, a obra de Krajcberg dialoga com princípios fundamentais da Educação Ambiental, como a interdisciplinaridade e a transversalidade conforme disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1997). Suas esculturas e fotografias permitem conexões entre biologia, geografia, filosofia, arte, economia e

história, favorecendo práticas educativas que rompem com a fragmentação disciplinar. Ao mesmo tempo, sua trajetória pessoal e militância ecológica aproximam arte e ativismo, inspirando práticas pedagógicas voltadas para a cidadania ambiental.

Portanto, ao se considerar a arte de Krajcberg no âmbito da Educação Ambiental, não se trata apenas de utilizar sua obra como exemplo ilustrativo, mas de reconhecer sua força pedagógica em promover experiências de sensibilização, reflexão e engajamento social. Através dela, a Educação Ambiental pode ampliar seu repertório metodológico, dialogando com linguagens artísticas e culturais que instigam novas formas de compreender e transformar a realidade socioambiental.

Para Justino (2005), em 1952, quando Krajcberg se mudou para a cidade de Monte Alegre, no Paraná, em 1952, para trabalhar nas empresas Klabin, fabricante de papéis, como engenheiro desenhista, o que mais o impactou, foi o desmatamento e as queimadas que presenciou. Frans diz enfaticamente: “cada vez que eu vejo pilhas de árvores queimadas pelos homens não tenho como não pensar nas cinzas dos fornos crematórios: as cinzas da vida, as cinzas dos homens enlouquecidos” (Justino, 2005, p. 53).

Segundo Palumbo (2018), as principais influências intelectuais e artísticas que Krajcberg teve no Brasil, foram de Pierre Restany, crítico e teórico de arte francês, curador de exposições e Seep Baendereck, pintor, desenhista, ilustrador, fotógrafo e publicitário. Baendereck (2025) em 1978, planejou uma expedição com Frans Krajcberg para a região do alto Rio Negro, e convidou Pierre Restany. Os três partiram de Manaus, em 16 de julho de 1978. A expedição foi documentada por meio de fotos, vídeos, desenhos e um diário escrito por Restany. A experiência dos três em um mês pela Amazônia, foi cenário para conversas filosóficas sobre arte e natureza, subsídio para o surgimento do movimento denominado Naturalismo Integral e posterior publicação do Manifesto do Rio Negro (Restany, 1984), em setembro de 1978. Esse manifesto denunciava a destruição das florestas, e propunha a natureza integral como um novo significado existencial e ambiental. A expedição-manifesto de 1978 foi um marco na obra e na carreira de Krajcberg, posteriormente revertida em exposições individuais e coletivas, dentro e fora do Brasil, e em participações em fóruns e colóquios nacionais e internacionais sobre ecologia.

No âmbito da arte, esse movimento encorajou uma maior experimentação e a incorporação de elementos da natureza na criação artística, influenciou a moldar tendências na arte contemporânea que valorizam a sustentabilidade e a integração com o ambiente natural. Seu processo criativo em contato com a natureza brasileira, resultou em sua fase mais produtiva. Seu confronto com o desmatamento e com as queimadas culminou em seu grito de revolta, posicionando-se fortemente como ambientalista.

Para Ribeiro (2012), o grito de Krajcberg é uma metáfora utilizada para a compreensão de sua produção artística, pois encontra-se nesta, implícito, um transbordamento de pensamentos. Devido à falta de palavras para descrever as árvores calcinadas, os galhos partidos, as pequenas chamas que ainda teimavam em arder no interior de troncos abatidos, semelhantes aos escombros de um território bombardeado em guerra. Desta forma, as obras de Frans consistem em uma documentação artística que podem ser interpretadas como “ora vagas e inofensivas, ora incômodas e monstruosas, algumas protuberâncias saídas da parede, como se fossem membros doentes e hipertrofiados; outras, simplesmente cascas ocas das árvores, parecem totens indígenas” (Ribeiro, 2012, p. 28).

Em 1990, Frans participou da conferência organizada pelo Instituto de Ecologia e pelo Instituto de Arte da Universidade de Moscou, que teve como objetivo discutir a relação entre arte e meio ambiente. Durante a conferência, discorreu sobre o impacto ambiental da atividade humana e o papel da arte como possibilidade para educação ambiental e utilizou a sua própria experiência como exemplo de alerta para a degradação ambiental.

Em 1992, Krajcberg realizou a exposição *Imagens do Fogo*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, na época da Conferência Mundial das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, Eco 92. O poder que o seu discurso alcançou, certamente atrelou-se às suas esculturas-objetos, ali representadas como testemunhas da degradação. Em Curitiba/PR em 1995, Frans Krajcberg fez a maior exposição já realizada no Brasil, intitulada *A Revolta*, que apresentou três espaços dedicados à sua obra: no Museu Metropolitano de Curitiba (MUMA), fotografias com o tema do fogo; no Jardim Botânico abrigou aproximadamente cem esculturas; e no Solar do Barão, gravuras e relevos em areia e “atingiu um público de oitocentos mil visitantes” (Justino, 2005, p. 23). Em 2000, foram lançados dois importantes livros: Frans Krajcberg “*Revolta*” e Frans Krajcberg “*Natura*”.

Em 2012, no Japão, na cidade de Gifu, Frans recebeu o “Grande Prêmio Enku”. O prêmio é nomeado em homenagem a Enku, um famoso escultor japonês do século XVII, que reconhece não apenas sua contribuição artística, mas também sua dedicação à causa ambiental e reforça a importância de sua abordagem artística e ambiental em um contexto internacional. Krajcberg publicou livros no Brasil e no exterior, realizou diversas mostras, sendo “oitenta e cinco individuais, cento e setenta e uma coletivas, totalizando duzentas e cinquenta e seis” (Rocha, 2012, p. 28).

A partir das imagens das obras de Frans Krajcberg, conforme Justino (2005), podemos reconhecer a identidade indelével desse artista contemporâneo. Essas mesmas imagens constituem o invólucro conceitual que sustentavam as diferentes fases da sua produção artística: expressionismo abstrato (samambaias); litografias e baixo relevo (madeira, gesso, pedras e papel japonês); *terres craquelées* (brocas, cipós);

relevos (pedras policromadas); raízes e sombras (madeira recortada) e esculturas (escombros das florestas). “Minha obra é um manifesto. Eu mostro o crime. Eu mostro a violência feita à vida. Eu exprimo a consciência revoltada. Busco formas para o meu grito. Esta casca de árvore queimada sou eu” (Justino, 2005, p. 51).

A inauguração do “Espaço Krajcberg no Musée du Montparnasse” em Paris, em 1998, de acordo com Rocha (2012, p. 24) e a homenagem recebida por Frans em 2008, pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo na exposição “Natura”, suscitam a promoção de uma nova forma de viver e conviver, considerando que questões ambientais e as ações educativas são fundamentais para a sustentabilidade

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frans Krajcberg, desde a infância, teve a liberdade cerceada e segregada por sua origem judaica, estudou separadamente dos demais, serviu no *front* na guerra, presenciou os horrores do holocausto onde perdeu todos familiares nos campos de concentração nazista, e se tornou um refugiado. Sua vida se intercala com uma tragédia humanitária europeia, acrescida de tristes episódios nacionais: a violência que sofreu nas tentativas de assalto e envenenamento em seu ateliê em Nova Viçosa, as decepções com amigos de longa data que se traduziram inesperadamente em interesses escusos pela sua projeção profissional, pelo reconhecimento tardio como artista brasileiro e o descaso do poder público com seu acervo.

Entretanto, o Brasil proporcionou-lhe a intensa vinculação com o meio ambiente, o que contribuiu para transformá-lo em um artista expoente e um educador ambiental. Toda essa jornada pode ser compreendida, se analisarmos conjuntamente suas obras, mas dificilmente somente estas isoladamente, traduzirão todo arcabouço de vida que Krajcberg carrega. Assim como o pensamento do artista é a materialização das suas obras, não há como compreender suas obras desvinculadas da vivência do artista. Os aspectos constitutivos de Frans são: a descendência judaica, a formação acadêmica, a participação na guerra e o vínculo com o meio ambiente, ou seja, culturais, educacionais e ambientais.

Um dos argumentos mais enfáticos de Krajcberg, quando o entrevistei em 2007 e em 2015, em seu ateliê, em Nova Viçosa, diz respeito ao seu comprometimento com a arte, ou seja, em acompanhar e refletir sobre a evolução do homem frente às questões sociais e ambientais, assim como o Manifesto do Rio Negro (Restany, 1984) propõe e que pode ser utilizado para debater ecopolítica e cidadania ambiental.

Podemos considerar a obra de Frans como recurso pedagógico quando utilizadas para discutir desmatamento, queimadas e perda de biodiversidade. Suas fotografias, esculturas, e os filmes “Socorro Nobre” e “O poeta dos vestígios” podem se tornar estratégias pedagógicas para sensibilizar e promover leitura crítica da

realidade socioambiental em instituições educacionais formais ou informais, terceiro setor e capacitação pedagógica, pois constituem documentação testemunhal singular.

Desta forma, podemos pontuar Metodologias educativas a partir da produção de Krajcberg: a arte como mediação para ampliar a percepção ambiental; a obra como denúncia da destruição e despertar outras possibilidades de relação com a natureza; projetos interdisciplinares contemplando arte, ciências, história, matemática e meio ambiente; metodologias ativas a partir de atividades que privilegiem visitas aos museus, parques, praças, Jardim Botânico, áreas de preservação ambiental como a Floresta Nacional de Ipanema, em Iperó/SP, rodas de conversa e oficinas de arte utilizando materiais naturais, substituindo produtos industrializados.

Para finalizar pontuo as contribuições e limites do diálogo entre a arte e a Educação Ambiental e Frans Krajcberg: contribuições a partir da ampliação do repertório pedagógico da Educação Ambiental; estímulo ao pensamento crítico, ético e estético; potência de sensibilização que ultrapassa o discurso técnico-científico e disciplinar e práticas pedagógicas criativas. Quanto as limitações destaco: a necessidade de formação docente capacitada para mediar esse diálogo; risco de reduzir a obra de Frans apenas à dimensão ilustrativa; a importância de contextualizar o artista no campo mais amplo da EA crítica. Krajcberg não deve ser visto apenas como artista engajado, mas como mediador pedagógico entre arte e ecologia. Sua obra permite uma abordagem que une sensibilidade, crítica social e consciência ambiental, fundamentais para práticas educativas contemporâneas.

Alguns temas que permeiam a vida e obra de Krajcberg na área da educação, tais como: diversidade, liberdade religiosa, desigualdade social, guerra, fome, sionismo e antissemitismo, e todos esses, estão vinculados à sustentabilidade, os quais poderiam ser melhor explorados em práticas pedagógicas no ensino fundamental e médio vinculadas às disciplinas escolares. Embora sejam assuntos historicamente descritos, necessitam ainda de reflexão e debate, pois tristemente voltaram a compor os conflitos mundiais e estão presentes na sociedade do século XXI. O desejo de Krajcberg em deixar um legado artístico que sensibilizasse as futuras gerações devem ser acolhidas para outras pesquisas e práticas docentes. Saber que seu trabalho pode inspirar mudanças e influenciar outras pessoas lhe deu forças para constituir a sua brilhante trajetória.

REFERÊNCIAS

BAENDERECK, Seep. **Resumo biográfico**. [S. l.], [2025]. Disponível em: <https://seppbaendereck.com/biografia/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2017.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. O sujeito ecológico: a formação de novas identidades culturais na escola. In: PERNAMBUCO, Marta; PAIVA, Irene (org.). **Práticas coletivas na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 115-124.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2006.

CONIB – Confederação Israelita do Brasil. Combate ao Antissemitismo e ao Discurso de Ódio. **Guias educativos**: o que é e como identificar antissemitismo e discurso de ódio. São Paulo: CONIB, [2025]. Disponível em: <https://combateaoantissemitismo.org.br/>. Acesso em: 29 jan. 2025.

COSTA, Helouise. **A arte degenerada de Paul Klee**. In: O BRASIL no século da arte. A Coleção MAC USP. São Paulo: Galeria do Sesi/FIESP, 1999. p. 20.

DE MASI, Domênico. **Criatividade e grupos criativos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FAINGUELERNT, Mauro. **Frans Krajcberg, uma caderneta de campo**: algumas imagens da arte entre o exílio e a memória. 2020. Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

FERNANDINO, Fabrício. (R)Evolução Frans Krajcberg, o poeta dos vestígios. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1; 2, p. 260-277, jan./dez. 2014.

FONSECA, Claire Feijó da Fonseca. **Arte e educação ambiental** – Krajcberg - Símbolo de denúncia e protesto contra a destruição da natureza. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2003.

<https://repositorio.uniso.br/handle/uniso/368>.

JUSTINO, Maria José. **A tragicidade da natureza pelo olhar da arte**: Frans Krajcberg. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.

KRAJCBERG, Frans. **O poeta dos vestígios**. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Carla Niemeyer. Fotografia e câmera: Walter Carvalho. Narração: Paulo José. Brasil: Vídeo Filmes – Rede Manchete, 1987 (45 min.).

LIMA, Adriana Teixeira de. **A educação ambiental através da arte**: contribuições de Frans Krajcberg. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2007. Disponível em:

LIMA, Adriana Teixeira de. **Cartografias na floresta nacional de Ipanema**: educação, ecologias e arte. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uniso.br/handle/uniso/916>.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARQUES, P. P.; CASTRO, R. S. (org.). **Sociedade e meio ambiente**: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2006.

MATTAR, Denise. Frans Krajcberg. *In*: Centro Cultural Banco do Brasil. **Paisagens ressurgidas**. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2003. p. 28.

MORAIS, Frederico. A arte como Revolta. *In*: REVOLTA. Rio de Janeiro: GB Arte, 2000. p. 11.

MORAIS, Frederico. **Panorama das artes plásticas séculos XIX e XX**. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1991.

MUSEU Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. Enciclopédia do Holocausto. Varsóvia. Washington, DC: MUSEU Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, [2025]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/warsaw-abridged-article>. Acesso em: 29 jan. 2025.

OLIVEIRA, Uillian Trindade. **Bons encontros com Frans Krajcberg e Gilles Deleuze**: história de vida, processo de criação, arte-educação. Ponta Grossa: Atena, 2022.

OLIVEIRA, Uillian Trindade. **Frans Krajcberg**: história de vida e processo de criação. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

PALUMBO, Carmen. **A Amazônia como lugar de conflito**: o naturalismo integral de Pierre Restany. 2018. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. **A floresta e a escola**: por uma educação ambiental pós-moderna. São Paulo: Cortez, 2002.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RESTANY, Pierre. Documentos de Arte Latino-Americana e Latina. **Manifeste Du rio Negri du naturalisme integral**. Houston: Centro Internacional de Artes das Américas no Museu de Belas Artes de Houston (ICAA), 1984. Disponível em: <https://icaa.mfah.org/s/en/item/805796#?c=&m=&s=&cv=&xywh=-601%2C36%2C3032%2C1697>. Acesso em: 13 dez. 2023.

RIBEIRO, Gustavo Silveira. Fragmentos de luz, memórias da destruição. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 8, p. 16-31, jun. 2012, Disponível em: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie08/RevLitAut_art02.pdf. Acesso em: 30 jul. 2024.

ROCHA, Renata. Frans Krajcberg, uma causa planetária. In: KRAJCBERG, Frans. **Natureza Extrema**. João Pessoa: Prefeitura Municipal de João Pessoa; Secretaria de Educação e Cultura, 2012.

RODRIGUES, Cristina. **Frans Krajcberg**: o intérprete da natureza. Rio de Janeiro: Maanaim, 2002.

SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2005.

SILVA, Ketilin. **Arte, artistas e arteiros**: série televisiva: textos complementares. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal; Multirio, 2012. Disponível em: www.multirio.rj.gov.br. Acesso em: 30 jul. 2024.

SOCORRO Nobre. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Mini Kerti. Fotografia: Walter Carvalho. [S. l.]: Vídeo Filmes, 1995. (23 min.).

SOUTO, Iasmim Cristina Martins. A consciência revoltada do planeta: interlocuções entre Schopenhauer e Krajcberg. **Voluntas**, Santa Maria, v.12, Ed. Especial: Schopenhauer e o pensamento universal., 2021.